



Transformações

Meu nome é Luciana Helena Mussi, tenho 51 anos, moro em São Paulo. Sou engenheira e psicóloga.

Trabalhei mais de 20 anos como engenheira. Ainda estudante, iniciei a carreira estagiando numa multinacional da área de cosméticos. Depois, já formada, vieram outras empresas de diferentes segmentos: alimentício (encarregada de produção) e em seguida financeiro, atuando em diversas funções e áreas.

Mas em dado momento de minha caminhada profissional percebi que meus dias “minguavam” inundados pelo vazio: era “alma” que faltava em minha vida. Assim, numa torrente de “chuvas e trovoadas”, veio a descoberta da Psicologia: um alento para meus áridos dias “engenheirísticos”.

Durante cinco anos trabalhei entre a cansativa rotina dos cálculos e os brilhantes teóricos da Psicologia, até a conclusão da graduação, que ocorreu em julho/2009. Nesse momento, finalmente, encerrei meu percurso como engenheira, assumindo a nova profissão como psicóloga. Um novo caminho, um novo reinício dentre tantos que fiz.

Imersa nos pensamentos dos ilustres Freud, Jung e tantos outros, fui invadida, novamente, pelo vazio, pelo mistério da existência. Posso afirmar que a busca por respostas me levou ao mestrado em Gerontologia, cuja semente germinou em todas as transformações que vivi e que teve seu primeiro broto na graduação em Psicologia, por meio do TCC “Envelhecimento: aspectos biopsicossociais”.

Como a busca por respostas nunca se esgota, hoje, tanto a Psicologia como a docência nas questões do envelhecimento fazem parte da minha vida.

Atualmente dou continuidade a esse caminho com o doutorado em Psicologia Social. Meu tema de pesquisa do mestrado e do doutorado associa envelhecimento e cinema como recurso para entendimento desse processo.

Devo dizer que o encontro com a Gerontologia mudou tudo. Minha visão de vida mudou completamente, o mestrado foi determinante no meu percurso profissional e pessoal.

Minha inserção no OLHE se deu no primeiro semestre de 2011. Comecei como colaboradora do banco de filmes e vídeos. Em seguida, vieram os textos-comentários das matérias que circulam pela mídia, na atualização do Portal do Envelhecimento e da Revista Portal de Divulgação.

Aliás, trabalhos importantes divulgados em diversos seminários e congressos, no Brasil e no exterior, e que resultam em artigos científicos publicados em periódicos bem avaliados pela Capes.

Hoje acredito firmemente que as transformações são necessárias, quase obrigatórias, necessidades da alma, processo de vida e, porque não dizer, “processo do envelhecer”. Sejamos protagonistas e não antagonistas de nossas histórias de vida.

O sociólogo Wright Mills, no livro “Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios” (2009, p. 13), afirma que “o ‘artesão intelectual’ deve ser visto como um ‘tipo ideal’ (...), algo que não é encontrado em forma ‘pura’ na realidade social, mas que, construído pelo pesquisador a partir do exagero de algumas propriedades de determinado fenômeno”.

Ele complementa a ideia dizendo que “o trabalho de pesquisa como ofício está diretamente implicado na dimensão existencial na formação do pesquisador”. O que o autor aponta é a indissociabilidade, para o ‘artesão intelectual’, entre sua vida e seu trabalho.

“O bom trabalhador deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode ‘ter experiência’ significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu

presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura”. (Mills, 2009, p. 22)

Assim, considero que os projetos desenvolvidos pela equipe OLHE têm tudo para ser um sucesso em vários setores (escolas, universidades, igrejas, hospitais, empresas...).

Projetos construídos pela alma do verdadeiro ‘artesão intelectual’, aquele que sabe unir vida e trabalho com seus respectivos caminhos se cruzando na linha do tempo, em um diálogo constante, repleto de oportunidades e, claro, transformações mais do que possíveis.

Trabalhos, joias talhadas por mãos hábeis e corações sensíveis, que podem ampliar o conhecimento das pessoas, quebram paradigmas e fazem ver que o “longevidade” é parte de mais um processo entre tantos que compreendem o percurso da complexa vida que “tentamos viver”.

Para quem se inicia na área gerontológica digo: siga em frente porque a cada dia, a cada leitura, a cada prática, descobrimos um novo jeito de “longevidade”.

Referência

Mills, C.W. (2009). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios* (M.L. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Luciana Helena Mussi - Engenheira, psicóloga e mestre em Gerontologia pela PUC-SP. Doutoranda em Psicologia Social PUC-SP. Membro associada do (OLHE), ativa na equipe Portal do Envelhecimento.
E-mail: lh0404@terra.com.br